

Editores:

Marcelo Pereira (marcelo@jc.com.br)
Flávia de Gusmão (fgusmao@jc.com.br)
Fale conosco: (51) 3413.6100
Twitter: @jc_pe
www.jconline.com.br/cultura

Recife | 19 de janeiro de 2016 | terça-feira



José Teles

teles@jc.com.br

Em 2000, aconteceu uma edição parisiense do Panorama Percussivo Mundial (PercPan), festival que se realizava em Salvador (BA). Na programação, o grupo Nau Brasil, formado por Erasto Vasconcelos. O adolescente Sérgio Bacalhau, que começara a aprender percussão com Naná Vasconcelos e com o próprio Erasto, foi um dos integrantes. Era a primeira vez que saía do Brasil. Morador de Bonsucesso, em Olinda, Bacalhau, espécie de mascote do grupo, não foi acometido pelo clássico choque cultural. Pelo contrário, assimilou rapidamente as novidades. Apaixonou-se por Paris e prometeu a si mesmo que voltaria à cidade, não como turista, ocasionalmente, mas para morar.

O que aconteceu cinco anos mais tarde. Sérgio Bacalhau (o "Bacalhau" não é apelido, é sobrenome mesmo) mora há dez anos na França, entre Paris e Marselha, tem um nome consolidado como percussionista e faz show solo de percussão, dia 30, no Espaço Preto no Branco (Rua Vigário Tenório, Bairro do Recife).

Bacalhau começou a trabalhar ainda criança, passou de ajudante numa padaria a guia mirim em Olinda. Ficava olhando os percussionistas até que se iniciou no ABC das Artes, projeto que Naná Vasconcelos tentou implantar em Olinda, mas que não levou à frente por falta de apoio. Numa visita que



Guga Matos/JC Imagem

APLICADO Bacalhau participou do ABC das Artes de Naná e foi para a França. Além de tocar, ensinou coco, ciranda e maracatu

Bacalhau faz o tipo de som exportação

DISCÍPULO DE NANÁ O olindense, que saiu do Brasil ainda bem jovem para realizar o sonho de morar em Paris, construiu carreira e adquiriu respeito como percussionista

ele no teatro de Baccaro, em Olinda, e depois no Parque da Jaqueira, um concerto que ele fez com a Orquestra Sinfônica do Recife. Depois ele montou umas bandas e eu participei."

Quando voltou de Paris para o Bonsucesso, Bacalhau come-

"Você vai numa roda de samba e vê os caras cantando

ra tradicional... Foi então que um francesa veio à Olinda para estudar ritmos pernambucanos: "Rolou uma paixão ente a gente e ela me convidou para ir para a França. Ela me ajudou bastante, obviamente, mas antes disso, eu mantinha conta-

ris conhece todo mundo".

Conhece-se todo mundo, mas Paris é uma cidade para onde convergem músicos de todas as partes do mundo, a oferta é maior do que a procura: "A concorrência é muito grande, mas isso é relativo. Da mesma

gam na cara de pau, dizem que têm uma banda de samba. Geralmente o cara que organiza a parada é o que menos toca. É aquela coisa, neguinho pula, pula, tudo malhadão, mas a mandinga mesmo não tem", comenta Bacalhau.

As lições de Naná Vasconcelos, com a ampla biblioteca de ritmos de Pernambuco, fizeram com que Bacalhau não precisasse recorrer a outros ofícios para sobreviver em Paris: "Só fiz música por lá. Pra me virar dava aula, ensinava coco, ciranda, maracatu, que ninguém conhece por lá. Formei um trio com dois músicos de Paris, um flautista e um guitarrista. Tocamos em todo lugar, bares, festivais, grandes e pequenos. Lá não tem isso de tamanho de festival. O mesmo cachê que se ganha num festival enorme é igual ao que se recebe num festival pequeno. Toquei com um bocado de gente. Com alguns músicos brasileiros, fiz shows com o baiano Armandinho, com o Chico Correa da Paraíba, com Ayo, uma cantora muito conhecida por lá, alemã descendente de nigerianos. Participei de shows com o Marseille Sound System, fiz uns trabalhos com Papet Jali, do Marseille Sound, e daí passei a fazer o meu próprio show, com pandeiro e um multi station, em que programo loops, coisas pré-gravadas. Mais ou menos como Naná faz com delay", conta Sérgio Bacalhau, que há quatro meses está em Buenos Aires.

Pintou outra paixão, uma argentina, que engravidou. Houve problema para a legalização